

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXIV*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1985

## RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

M. J. FINLEY, *os Gregos Antigos*, Lisboa, «Edições 70», 1984, colecção «Lugar da História».

Da responsabilidade das «Edições 70» acaba de sair, em tradução portuguesa, mais um livro fundamental de M. J. Finley, *Os Gregos Antigos*, cuja primeira edição original, publicada em Inglaterra, data já de 1963. Como é do conhecimento de quem está familiarizado com a bibliografia sobre a Grécia Antiga, o livro apresenta uma visão ampla e segura da história e cultura gregas, desde os Poemas Homéricos à época helenística. Depois de rápido relance sobre a origem dos Helenos, aborda temas como os Poemas Homéricos e sua integração na Idade das Trevas; a colonização; os tiranos e os legisladores; a comunidade, a religião e o pan-helenismo; a pólis clássica: guerra e império, Atenas, Esparta, declínio da pólis; literatura: poesia, tragédia, comédia e prosa; ciência; filosofia e política; atitudes e moral populares; arquitectura e planificação de cidades; escultura e pintura; cidades gregas e monarcas absolutos no período helenístico; Gregos e Romanos. Uma tábua cronológica, uma bibliografia seleccionada e um índice remissivo completam o volume. Assim, graças às «Edições 70», tornou-se acessível em língua portuguesa esta obra, muito útil para quantos desejem conhecer a história e cultura gregas. Lamenta-se apenas que vigore ao longo das páginas do livro alguma falta de critério na utilização da maiúscula nos etnónimos — ora surgem com maiúscula, ora com minúscula — e na adaptação à língua portuguesa dos nomes gregos. Assim, p. 15, linha 36, seria preferível Siculos a Sicélicos; p. 48, linha 27, a forma correcta é Acarnanes e na p. 92, linha 23 *Acarnenses* e não *Acarnienses*; p. 53, linha 34, Plateias, que usa na p. 134, é melhor do que Plateia; p. 65, linha 14 e 27, Tráquis e Farsalo (como aliás aparece no mapa da p. 28) e não Trácia e Farsália; p. 62, linha 17, é melhor Gléon do que Cleonte; p. 93, linha 36, Cratino e Èupolis e não Crátino e Eupolis.

Permita-se-me que acrescente algumas observações mais como contributo para um aperfeiçoamento de futura edição do que com o sentido de crítica negativa.

- P. 21, linha 21, talvez por gralha, aparece *século quinze* por *século quinto*.
- P. 43, linha 13, «pequenos santuários» e «família» não são a tradução adequada para *shrines* e *household*. Trata-se dos *altares* existentes nas *casas* gregas. Na mesma página, linha 14, será incorrecto traduzir *parishes* por «sectores populacionais». O autor alude ao *demos* ateniense que, como se sabe, era uma circunscrição autárquica com certas semelhanças com as nossas *freguesias*. Por isso, considero preferível o uso deste termo.
- P. 88, penúltima linha, faltou traduzir *not of men*. A frase correcta será «...a tragédia é uma imitação, não dos homens, mas da acção e da vida».

À parte estes reparos, a tradução merece de modo geral confiança e constituirá um acessível e valioso instrumento de consulta.

Outras traduções de obras fundamentais sobre a Antiguidade Grega têm as «Edições 70» anunciadas — *Instituições Gregas* de Claude Mossé e *Economias e Sociedades na Grécia Antiga* de M. Austin e P. Vidal-Naquet. Na esperança de em breve as ver em letra de forma, aqui deixo o meu aplauso pela iniciativa.

J. RIBEIRO FERREIRA

VICTOR HENRICH BAUMANN, *Ferma romanã din Dobrogea*, Tulcea, Muzeul Deitei Dunarii, 1983, 279 p., 69 fig., 46 est.

A Dóbruja é formada pelo território romeno situado entre o Danúbio e o Mar Negro, tendo feito parte outrora das províncias romanas da Mésia Inferior e da Cítia Menor. Ocupada gradualmente pelos romanos, a partir das cidades gregas da costa, desde 9 a.C., constitui a região romena que mais tempo se manteve em contacto com a latinidade, pois permaneceu integrada no Império após o abandono da Dácia. O processo de romanização iniciou-se lentamente no principado de Augusto, quando a Dóbruja era uma obscura Finisterra do mundo romano, como dramaticamente o lastimou Ovídio exilado: «Estou condenado a ver os Sarmatas, uma terra privada de paz e o mar gelado» (Ovídio, *Ponticas*, II, 2, 93-94). O poeta decerto se surpreenderia, e talvez se sentisse confortado na sua solidão em Tómis, se pudesse vislumbrar no futuro o êxito brilhante que a latinidade conheceria em paragens aparentemente nada propícias, êxito que explica o que é, talvez, o mais comvente de todos os legados romanos, a língua romena. É um pouco a história do processo que preparou tão invulgar destino que V. H. Baumann retrata ao procurar definir o papel da *oilla rustica* na romanização do Baixo-Danúbio. *Ferma romanã din Dobrogea* representa o resultado de um decénio de investigação (1971-1981), pela primeira vez sistemática, sobre os